



Caracterização da Amazônia em “Boi-bumbá evolução”: uma abordagem dialógica¹

Suzan Monteverde MARTINS²
Antônio Heriberto CATALÃO JR³
Universidade Federal do Amazonas, Parintins.

Resumo

Este trabalho objetiva contribuir para a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem, “Boi-bumbá: evolução”, escrito pelo jornalista Allan Rodrigues, em que o repórter narra sua viagem à Ilha Tupinambarana para acompanhar o Festival e, ao fazê-lo, discorre sobre o folguedo parintinense em seus diversos aspectos. Nesse sentido, toma-se como referencial teórico-metodológico a teoria bakhtiniana da linguagem proposta por Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), na qual o dialogismo é entendido como a relação de sentidos entre os enunciados que se articulam e resultam em um entendimento sobre um dado objeto. É neste sentido que a Amazônia é entendida como uma realidade semiótica construída, inventada e estabelecida por meio das diversas vozes que se articulam e interagem no livro.

Palavras-chave: Boi bumbá; dialogismo; Amazônia; reportagem; livro-reportagem.

Introdução

Este projeto propõe uma pesquisa sobre o livro “Boi-bumbá: evolução – livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins”, do jornalista amazonense Allan Rodrigues (2006), em que o repórter narra sua viagem à Ilha Tupinambarana para acompanhar o Festival e, ao fazê-lo, discorre sobre o folguedo parintinense em seus diversos aspectos e elabora um enunciado que apresenta uma caracterização particular do interior amazônico – ou de parte dele, ao menos –, a partir de seu contato com uma manifestação da cultura popular regional.

Ao produzir tal enunciado, Rodrigues toma como objeto central uma *atividade discursiva* – um conjunto complexo de ações significantes, por meio das quais as associações folclóricas (os “bois” Caprichoso e Garantido, entendidos como sujeitos coletivos) e os brincantes, artistas, torcedores, comunicadores, turistas, moradores da cidade, dentre outros atores, realizam performances semióticas em que assumem posições particulares sobre diversos temas na cadeia da comunicação cultural. Trata-se, pois, de uma enunciação que se elabora em diálogo com várias outras – marcada,

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

²Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



portanto, pela interação permanente (ainda que nem sempre demarcada, necessariamente, no corpo do texto) da voz e o do olhar do repórter com outras vozes, outros olhares que lhe dão subsídios para o delineamento de uma caracterização particular da Amazônia.

Esclareça-se, nesse sentido, que o interesse particular da pesquisa proposta neste projeto é dirigido especificamente a tal caracterização – definindo-se, portanto nos seguintes termos o problema fundamental que o orienta: como a região amazônica é caracterizada pelo jornalista Allan Rodrigues no livro-reportagem “Boi-bumbá: evolução – livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins”?

Assim, a pesquisa proposta insere-se em uma tradição ainda recente de estudos sobre as caracterizações e “invenções” da região amazônica em textos elaborados por sujeitos diversos, em diferentes campos da cultura – cujo maior exemplo talvez seja o trabalho de Gondim (1994), que elaborou um painel amplo sobre os discursos produzidos por viajantes e estudiosos estrangeiros acerca da Amazônia.

Neste sentido, articula-se a proposição deste projeto às de outros, três dos quais já em fase de execução, igualmente dedicados a caracterizações da região em enunciados do mesmo gênero discursivo (o livro-reportagem) – esforços que, por sua vez, encontram-se vinculados a pesquisa de doutorado realizada pelo professor e pesquisador que os orienta, cujo objeto é, justamente, o livro-reportagem como gênero do discurso na cultura brasileira contemporânea.

Livro Reportagem como captador de vozes

O *corpus* da pesquisa baseia-se na análise do livro reportagem como gênero do discurso que BAHKTIN (2003) relata, como:

todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discursos orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência (BAHKTIN, 2003 p. 282).

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



Para preliminar o gênero é necessário destacar o conceito proposto por LIMA (2009), que compreende o livro reportagem como uma ampliação da notícia destacando minuciosamente os desdobramentos:

no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis-, o livro reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódica (LIMA, 2009, p.26)

Neste sentido o livro reportagem nessa pesquisa mensura-se não somente como veículo de comunicação, mas igualmente a tese do pesquisador Catalão Júnior (2010), como gênero do discurso que são tipos relativamente estável de enunciados, construídos por conteúdos temáticos, uma construção composicionais e estilísticas. Assim, Catalão Júnior (2010) por meio da teoria de Bakhtin entende o livro reportagem, como:

Um tipo relativamente estável de enunciado, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva, o jornalístico; seus enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados e difundidos em livro; seu autor típico é um jornalista, cuja enunciação tem como destinatário um público leitor potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado (CATALÃO JUNIOR, 2010, p.08).

O livro reportagem é um objeto ainda pouco abordado pelos pesquisadores e por ser um gênero no campo da comunicação discursiva abrange diferentes vertentes de narrativas. Na pesquisa proposta de vislumbrar como a Amazônia vem sendo caracterizada semioticamente, pretende-se abordar o livro como gênero do discurso, a qual teoria bakhtiniana pretensa pelo dialogismo, conceitua suas ações por meio das interações existentes entre o discurso e suas relações de sentidos vias enunciados.

Nesse sentido, é necessário esclarecer um dos conceitos fundamentais da obra de Mikhail Bakhtin utilizado na pesquisa, a orientação dialógica, que se constitui como fenômeno natural. Assim, o pesquisador, fomentador de discurso nunca estará inventando do nada seu enunciado, sempre levará em conta o discurso de outro, para seu processo comunicacional.

Todo discurso passa por um discurso alheio, composto pelos enunciados. Há essa relação de sentido tido por dois enunciados constitui o dialogismo.

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 2003, p.88)

Devido esse pressuposto, “cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos” (FIORIN, 2006, p.21)

Assim, os discursos assumidos pelo enunciador em diferentes enunciados são resultados das relações existentes entre diferentes vozes e nelas a posição assumida pelo enunciador está em constante processo de afirmação e negação já que o sujeito é dialogizado em uma luta discursiva na comunicação.

Metodologia

O referencial teórico-metodológico deste projeto, bem como da pesquisa que ele propõe, consiste na concepção dialógica da linguagem, tal como ela é proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Sob tal perspectiva, o diálogo corresponde não apenas ao elemento constitutivo da linguagem e das línguas humanas, mas também a seu modo efetivo de funcionamento na realidade social e material concreto. Mais: é no âmbito das relações dialógicas entre sujeitos distintos que se produzem os enunciados, que são as unidades básicas da comunicação discursiva.

É como enunciado – vale dizer: como a materialização textual de uma enunciação, de um ato de linguagem por meio do qual seu autor insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva – que se pretende abordar o livro-reportagem que constituirá o corpus da pesquisa proposta.

Assim, a perspectiva dialógica será adotada como metodologia de análise do discurso, visando a identificar, compreender e caracterizar as posições assumidas pelo autor em relação à região amazônica, considerando-se que tais posições não são adâmicas, derivadas de um contato “primeiro” e direto com tal objeto, mas sim construídas em relação a outros discursos, outros pontos de vista, outras caracterizações que vozes sociais distintas produzem acerca de uma Amazônia sempre revisitada, retomada, reinventada.

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



Falar sobre tais posições equivale, portanto, a identificar a voz desse autor no enunciado, bem como a maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras (explicitamente presentes no texto, por meio de menções e referências diretas, ou não), indicativas de outros sujeitos e grupos sociais – correspondentes, por sua vez, a diferentes posicionamentos ideológicos acerca do mesmo objeto.

Pretende-se utilizar este procedimento em quatro etapas de pesquisa, cada uma das quais será dedicada ao enfrentamento de uma questão particular.

Representações da Amazônia em “Boi-Bumbá Evolução”

O autor e a natureza amazônica

Ao relatar sobre o Festival Folclórico de Parintins, mas precisamente sobre o confronto entre os bois-bumbás, Garantido e Caprichoso, o jornalista Allan Rodrigues em seu livro “Boi-Bumbá Evolução” - narra às histórias que vagam sobre a temática do folguedo junino mais importante do Norte do país. Apresentando como teia comunicacional, o livro reportagem, o autor relata fatos relevantes da manifestação e situa o leitor com relação ao funcionamento da festa e a raiz de seus grupos folclóricos.

Em processo de descrição sobre os folguedos amazonenses, Rodrigues retrata a realidade das festividades amazônicas e suas particularidades mostrando ao leitor seu calendário repleto de comemorações. Assim, após apresentar às festividades, o autor limita-se ao festival folclórico de Parintins, como objeto de uma narração minuciosa, por seus até então, trinta e oito anos ininterruptos de criação e pela representatividade cultural de que faz em todo o estado.

Nesse contexto, Allan Rodrigues ao descrever sua viagem a Parintins rumo à festa dos bois caracteriza a Amazônia, em aspectos vegetativos, hidrográficos e climáticos. Para fornecer elementos capazes de viabilizar o contexto em que a festa está inserida e como ponto forte para compreensão de sua importância atrelada aos impactos causados na vida dos parintinenses.

Comparando com as inferências de Neide Gondim (1994) sobre o dualismo inferno/paraíso, projetado nas obras teóricas e nas narrativas de viajantes, pode-se dizer que o autor, por se deparar cotidianamente com a realidade amazônica, um jornalista nascido em Coari, interior do Amazonas, em viagem a cidade de Parintins, não descreve

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

²Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



a natureza amazônica, como um paraíso perdido ou como um inferno verde. Rodrigues busca prender a atenção do leitor salientando a beleza amazônica e sua exuberância, “Mesmo visto de cima o rio-mar não perde o ar soberano e onipresente, fazendo com que os observadores entrem em uma espécie de transe hipnótico” (RODRIGUES, 2006, p.29). A contemplação da natureza pode ser percebida em outro trecho cujo autor narra sua inquietude sobre a vista aérea da paisagem do lugar, “Estrategicamente posicionado, não resisti ao impulso e comecei também a observar o cenário majestoso que começava a se delinear entre as nuvens” (RODRIGUES, 2006, p.29).

O amazônida e a natureza amazônica

Ao descrever sobre a viagem rumo ao Festival Folclórico de Parintins e o seu processo de evolução, Allan Rodrigues relata sobre a sua posição com relação à natureza amazônica, como também mostra a relação dos personagens sociais que habitam a região do baixo Amazonas com a natureza.

O homem amazônida descrito é envolto em uma intensa dicotomia, Allan Rodrigues ao relatar sobre sua infância, os arredores da cidade de Parintins e as pessoas mais antigas do município, retrata o simples caboclo, ribeirinho, pescador que está em consonância com elementos da natureza, longe dos grandes centros urbanos, religioso, frequentador de arraiais e quermesses. Em contradição há esse homem assujeitado ao seu meio, Allan Rodrigues descreve o homem amazônida urbano, capaz de transfigurar a região amazônica em Alegorias em transformar essa particularidade em produção econômica, em modificar seu imaginário em espetáculo.

O primeiro homem descrito está em harmonia com meio ambiente. O autor ao observar em seu vôo o rio que banha a cidade produz um enunciado de deslumbre sobre o ribeirinho.

Era uma canoa conduzida por um ribeirinho, que, no movimento de suas remadas, provocava rápidos lampejos ao refletir os raios solares do remo. Apesar da distância e da velocidade da aeronave, pude discernir o chapéu de palha na cabeça do canoeiro e um volume no porão da canoa que parecia malhadeiras ou tarefas (RODRIGUES, 2006, p.30)

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



Ao retratar o homem bucólico, Rodrigues descreve cenas do cotidiano do pescador, o caráter religioso do homem amazônida cuja “a comunidade se reúne para renovar a fé pela devoção, ou simplesmente arrematar as famosas ‘grandes e gordas’ galinhas assadas, leiloadas exaustivamente nas quermesses” (RODRIGUES, 2006, p. 23).

Seu desprendimento sobre agitação estabelecida em grandes centros, “sem cinemas, boates, e outras opções de lazer comuns na ‘cidade grande’ para os jovens, a época das quermesses e arraiais significava período de muita agitação cultural” (RODRIGUES, 2006, p.20).

O autor constrói a princípio um cenário cultural simples do homem que habita a Amazônia, um exaltador do cotidiano singelo da natureza.

os cenários sempre incluíam céus estrelados e praças enfeitadas com bandeirinhas coloridas, fogueiras e balões. Os aromas e os saberes das noitadas vinham das comidas típicas como mugunzá, tacacá, bolo de macaxeira, pé-de-moleque e muitos outros quitutes (RODRIGUES, 2006, p.20).

Assim, apresenta como parte da cultura das pessoas, a união dos folguedos com festividades da religião católica que envolve elementos da natureza transformados em comemorações.

a diversão ficava por conta das quadrilhas, cordões de pássaros, cangaços e bumbas, que se apresentavam noite após noite em diferentes quadras esportivas pertencentes às escolas públicas estaduais e municipais. Toda a animação, é claro, só começa após o canto final da missa em honra a padroeira ou ao padroeiro do bairro onde acontecia os festejos (RODRIGUES, 2006, p.20).

O homem descrito por Allan Rodrigues subordinado a natureza, também a transforma para produção econômica. Ao relatar sobre a segunda economia do município, a produção agropecuária, Rodrigues ressalva essa mudança do pescador para o produtor, utilizando o enunciado direto do compositor do toadas, Emerson Maia. “O pescador vira vaqueiro e o vaqueiro pescador” (RODRIGUES, 2006, p.37).

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



À medida que o autor vai explorando a evolução do folguedo boi-bumbá de Parintins, expõe o imaginário do homem amazônico e transfiguram seus personagens cotidianos em mistificação, artifícios em produção folclórica atrelada ao festival.

Nesse sentido, o caboclo se transforma em artista, o índio em defensor da natureza, são representações do homem amazônica descrita por Allan ao expor a história de Jair Mendes, que ao aprender técnica de artes plástica surpreende a apresentação dos bois bumbas ao inserir alegoria ao festival.

Ainda pequena com dois metros de altura, perto de quatro metros quadrados e apoiada em rodinhas para facilitar o descolamento, alegoria trazia a paisagem amazônica da margem de um rio, onde estava sentada a filha do artista Jair Mendes, fantasiada de Yara, Mãe d'água. (RODRIGUES, 2006, p.119).

A transformação do homem parintinense para um homem artista é relatada por Rodrigues, em uma peça em que o autor destaca a utilização de antigos galpões da época da juta para ateliê dos artistas, “a matéria-prima e o produto final mudaram, pois agora sonhos são manufaturados nos galpões para se transformarem em alegria e cartase na arena do bumbódromo durante o festival” (RODRIGUES, 2006, p.43). Ao expor o gênio criativo de Jair Mendes, o autor situa o atributo de inovação da técnica utilizada para concepção da alegoria feita pelo artista.

Apenas para citar algumas de suas realizações, ele deu movimentos às armações feitas com talas, espumas e cetim dos bumbás, descobriu formas de aproveitar materiais regionais e dar-lhes brilho na arena e desenvolveu a técnica de articular as alegorias usando cabos de aço e roldanas no interior das estruturas (Rodrigues, 2006, p.119).

Outro personagem transfigurado é o índio, a qual o autor relatando o processo de construção das apresentações do boi bumbá Garantido, expõe a preocupação em afirmar que no festival o indígena passa por uma mera representação do real.

tanto cuidado com a representação cênica dos índios não significa, todavia, que as representações sejam fieis à realidade. A necessidade cada vez mais premente de oferecer uma apresentação atraente não só em conteúdo, mas principalmente, em visual, faz os bumbás concederem uma espécie de “licença poética” aos artistas para modificarem a realidade pelo bem do espetáculo (RODRIGUES 2006, p.146).

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



No próximo trecho, Rodrigues reitera esse pressuposto ao analisar as toadas de boi.

Na arena, as apresentações procuram materializar em forma de alegorias e encenação tudo aquilo que era descrito pelos compositores em suas toadas. Cenas da vida do homem do interior, como as festas religiosas, as pescarias, a extração da seringa, as casas de farinha, as roças, o trabalho na pecuária, as crendices e até mesmo o modo de falar e de vestir dos caboclos passaram a fazer parte do espetáculo (RODRIGUES, 2006, p.161).

Percebe-se que Allan Rodrigues, em seu discurso dividiu em dois momentos o homem amazônida que como contempla a natureza é aquele que a transforma em alegoria, a transfigura para temáticas espetaculares. Um homem moderno que confecção de boi de arena, um festival folclórico que segundo maior do mundo, um homem que exerce várias funções como em fábricas de grandes centros urbanos, o autor desencadeia inúmeras funções exercidas pelos trabalhadores que apesar de atuarem inúmeros setores de uma espécie de linha de montagem, alguns têm acunha de artista, ao qual Rodrigues menciona como “o funcionamento de uma fábrica folclórica” (RODRIGUES, 2006, p.43).

Relações Humanas e sociais na Amazônia

No tratar das relações de poder, economia, cultura e ideologias, a qual o autor depara ao narrar sua viagem e suas impressões com relação a Parintins e seu festival folclórico, existe um contraste entre um homem mais moderno em suas relações sociais e um tradicionalismo exacerbado cultivado por um povo ligado a religiosidade.

O repórter narra detalhes de sua chegada à cidade e desenvolve um diálogo marcado por uma visão comparativa com outras cidades já percorridas no Amazonas. Em seus relatos há principal característica de Parintins é a rivalidade.

Allan descreve que ao chegar ao município depara com o carro do corpo de bombeiro pintado de amarelo queimado, e ao perguntar do porquê dessa contradição ao padrões internacionais, detalha o quão grandiosa é a disputa dois bois para população.

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



A mensagem transmitida pela placa e pelo carro do Corpo de Bombeiro ficou clara na minha mente. Ao desembarcar em Parintins passamos por uma sinalização indicando dois caminhos possíveis, ou seja, é preciso definir para qual bumbá o coração bate mais forte. A viatura dos bombeiros era uma demonstração cabal, para aqueles que ignorarem a placa, de até aonde pode se estender a rivalidade das agremiações e quanto o fanatismo pode afetar algumas pessoas. (Rodrigues, 2006, p.33).

O jornalista expõe que no começo da rivalidade havia encontros de desafios lançados pelos amos dos bois, ou seja, trovadores entoando versos em tom de rivalidade. Após essa fase existia intimidação das torcidas que evoluía para impasse e logo brigas. Mas, essa violência foi sanada do decorrer da festa, ao ponto de quê na década de 80, a comissão julgadora propor a inclusão item moralizador no regulamento. Que consistia em “penalizar com perdas de pontos a torcida, ou galera, que se manifestassem durante a apresentação da agremiação contrária” (Rodrigues, 2006, p.112).

Por esse gigantismo da festa e por causa do valor da cidade para Estado, o autor em inúmeros trechos descreve que quem detém a liderança no processo do festival, ganha também ascensão social. Assim, para ele o festival é uma forma de “trampolim político”, e que aquele ao qual pleiteia um cargo de confiança obtido a partir da população, não poderia deixar de participar das festividades de Parintins.

A fama do festival e as paixões por Garantido e Caprichoso romperam as fronteiras da ilha chegando à capital do Estado, e de Manaus se estenderam a praticamente todos os municípios do interior. Foi ha vez dos políticos de fora da cidade também se interessarem por uma festa que arrebatava tanto corações como mentes. Parintins então virou parada obrigatória para autoridades, como governadores, senadores, deputados, prefeitos, todos querendo tirar algum proveito do evento (Rodrigues, 2006, p.90).

No trecho que descreve um pouco da festa de Nossa Senhora do Carmo, Rodrigues, por exemplo, fala sobre os convertidos de ultima ora: os políticos.

Era ano de eleições gerais, com exceção dos cargos de prefeito e vereadores, e os principais candidatos ao governo do Estado arrumaram uma vaga em suas apertadas agendas de campanha para prestar homenagem “homenagens” à Virgem (Rodrigues, 2006, p.50).

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



Em outro trecho o autor esclarece a importância de apresentar essa percepção em seus relatos, por se tratar da utilização do folclore como forma de aparelho ideológico dos governos municipal e estadual.

Cito a presença dos políticos na Festa do Carmo apenas para demonstrar o apelo popular alcançado pelos festejos e, em razão disso, a forma como ele é explorado politicamente. Não escapa a percepção dos caçadores de votos, a importância de parecer estar comprometido com a religião, no caso da festa da padroeira, ou com as diversas manifestações populares com o Festival Folclórico de Parintins. (Rodrigues, 2006, p.51).

Rodrigues ao inserir na descrição a característica conversadora/tradicionista de alguns moradores de Parintins faz ligação estreita com a religiosidade, “A grandiosidade da catedral revela a religiosidade como um traço marcante entre os parintinenses, cuja maioria segue a religião católica” (RODRIGUES, 2006, p.47). “A religiosidade dos interioranos também corrobora no estranhamento em relação ao pouco pudor dos visitantes” (RODRIGUES, 2006, p.46).

Outro fator que contribui para ascensão da igreja católica no Estado, como também no município é detenção por muitos anos da promoção de lazer. Conquistando assim, adeptos e angariando recursos para suas congregações.

Como os governantes também não se preocupavam com o lazer e a cultura do povo, a Igreja tratou também de avançar nesses terrenos. Os arraiais e quermesses foram, por muito tempo, as únicas opções de lazer e movimentação social da cidade. (Rodrigues, 2006, p. 48)

O autor relata que a religiosidade dos interioranos também corrobora no estranhamento em relação ao pouco pudor dos visitantes, que, no entanto, não ultrapassam em ousadia, por exemplo, as praias cariocas. (Rodrigues 2006, p. 46)

As relações entre a Amazônia e o Brasil

O “descobrimento da ilha” é assim, que jornalista Allan Rodrigues termina seus relatos sobre sua jornada de viagem a Parintins. No livro reportagem, o repórter

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



apresenta gênese e enunciados que contam as peculiaridades de uma sociedade situada no baixo Amazonas, responsável pelo festival folclórico que se tornou “vitrine” do Estado. Essa constante enunciação perpassa por um viés midiático, por festas populares, por sociedades tradicionais amazônicas como: caboclo, índio, ribeirinho e expõe há dos artistas de alegoria, dirigente das agremiações folclóricas, compositores de toadas, aqueles desenvolvem a festa do boi-bumbá.

Nesse sentido, após percorrer por essas relações sociais espera-se nesse capítulo, identificar como são construídas as relações entre a Amazônia e o restante do Brasil. A partir do espetáculo apresentado no festival, à visão turística que auxilia infraestrutura da cidade e o exuberante em contraste com o urbano/moderno.

Por meio de uma descrição não linear onde se mistura sua primeira viagem a Parintins, com sua pesquisa de mais de dois anos de trabalho. Os discursos produzidos pelo autor acabam a mostrar uma Amazônia denotada de contraste entre a exuberância da floresta e a urbanização existente na localidade. Parintins por despontar como cidade turística, devido seu festival, apresenta uma estrutura diferenciada das demais cidades do interior do Amazonas.

O festival de Parintins não deve ser visto apenas como uma festa, ainda que ela seja grandiosa. Apesar dos problemas, que vez por outra ameaçam a festa, os bois de Parintins pretendem ser “Arautos da Amazônia”, com a missão de levar a mensagem do homem amazônico, da floresta, da preservação, do resgate, das tradições, da valorização da cultura indígena e da História do Amazonas. (Rodrigues, 2006, p.221).

Devido, a visibilidade, a mídia em constante cobertura do festival, após a ascensão, Rodrigues apresenta a festa como “Arautos da Amazônia”, ou seja, por meio do folclore dos bois são apresentados apelos de preservação da floresta amazônica e o cotidiano do homem amazônico.

A fim de atrair um número grande de pessoas para festa, a exposição constante da apresentação feita por Allan Rodrigues, é a matriz de um folclore primeiro produzido por familiares e por pessoas de baixa renda, que com o passar do tempo e auxílio de governativos regionais tomou proporções imagináveis, que abarcou a identidade de um Estado por meio do boi-bumbá. Dessa forma, a mídia faz uma cobertura da festa

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



ênfatizando um espetáculo produzido no meio da floresta, a qual atrai devido à rivalidade entre os bumbas, um ritmo envolvente como as toadas e apresentação de um cotidiano pouco conhecido no Brasil.

Assim sendo, no recorte do livro que apresenta abertura da revista do Boi Garantido, ilustra essa constante dos apelos sobre preservação e a exuberância encontrada nessa parte do Brasil.

Cada recôndido da Amazônia é um santuário natural que mantém a maior biodiversidade do planeta. A flora e a fauna são exuberantes, dando sustentação a outras vidas. Os rios deságuam sua generosidade fertilizando a vida na imensidão desse manto verde amazônico. Sob este prisma, o Boi- Bumbá Garantido canta a defesa dos povos da floresta e, particularmente, a defesa do índio em seu hábitat natural, num discurso que não quer ser apenas ideológico, mas que tem de ser praticado sistematicamente para que possa reverter o desmatamento e a destruição (Rodrigues, 2006, p.140).

Essa passagem que fala sobre os índios reflete sobre construção ostentada pelos bumbás de assumirem suas raízes étnicas do homem amazônico. Rodrigues desencadeia a formação da cultura do Amazônida, tomando como ponto a festival folclórico de Parintins que chama atenção do turista, por apresentar essas diversidades nas apresentações da festa. Ao explorar os meandros que envolvem a festa dos Bois de Parintins, o autor descreve que em decorrência de uma festa grandiosa de luzes e cores, a concepção de cidade foi se moldando para receber um número significativo de turista.

Nesse ponto a cidade ganha uma infraestrutura diferenciada devido o evento.

A complexidade do evento havia atingido uma dimensão maior do que a capacidade do poder público municipal, de gerir sozinho toda infraestrutura necessária para atender às necessidade de melhorias no planejamento, organização, na divulgação e na execução do festival. Um esforço que incluía o melhoramento urbanístico da cidade, a liberação de recursos para os bumbás construírem suas apresentações, ampliação do setor de serviços do município (hotelaria, restaurantes, transporte, etc.) e organização da festa (reforma do bumbódromo, sonorização, iluminação, limpeza, construção de camarotes, rede elétrica e outras providencias (Rodrigues, 2006, p.92).

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



Nesse trecho, percebe-se que a partir do folclore a cidade diferencia de outras cidades do Estado e recebe uma visão diferenciada do poder público. Devido essa dimensão segundo Rodrigues, o festival atrai 40 mil turistas para ilha (Rodrigues 2006, p. 79). Demonstrando assim, que Parintins município do interior, concentra um valor econômico forte para o Estado e caracteriza o Amazonas como terra da festa do boi-bumbá.

Considerações Finais

Ao final das etapas estabelecidas pelos objetivos, a pesquisa pode compreender os discursos constituídos por Allan Rodrigues sobre Amazônia, através da vertente cultural atrelada ao folguedo boi-bumbá apresentada pela história e evolução do festival folclórico de Parintins.

Por meio dos enunciados, o autor assume posições particulares e caracteriza a região Amazônica como um atrativo turístico cultural. Devido esse preparo para desvendar as festas populares e principalmente o boi bumbá, o autor mostra a exuberância da natureza e sua harmonia com os nativos. Essa perspectiva foi feita pelo o segundo objetivo de desvendar o homem e natureza amazônica.

Ao relatar sobre o cotidiano das pessoas locais, Rodrigues exhibe um povo que vive em consonância com urbano e com espetáculo do festival dos bois Garantido e Caprichoso, a qual permite que a cidade se torne vitrine do Estado.

O boi bumbá descrito por Rodrigues é tomado como Arautos da Amazônia pela sua visibilidade midiática, dita em níveis regional, nacionais e internacionais. Ele é responsável por diferenciar Parintins das demais cidades do interior do Amazonas. O terceiro objetivo apresenta essas relações e como o espetáculo folclórico dos bois retira Amazônia como perdida e inexplorada, e coloca nas rotas dos grandes festivais, do culto as raízes populares, das cidades pequenas que chamam atenção pelo seu folguedo.

A Amazônia apresentada por Allan exhibe homens que transformam seu imaginário em obra completa, em uma região formada como uma miscigenação de cultura. Essa grandiosa exposição permite que homem amazônico utilize a festa como mensageira dos apelos de preservação e valorização da cultura dos povos tradicionais:

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br



como os ribeirinhos, indígenas e caboclos, bem como, a história do Amazonas.

Da mesma forma que a exposição da festa tem caráter de valorização, desencadeia também a conotação política mais importante do Estado, a qual Allan expõe a festa como trampolim político. Transmitindo uma Amazônia liderada por poderosos que utilizam a festa como encanto popular.

Nesse sentido, a Amazônia reportada por Allan Rodrigues está no foco midiático, no calendário turístico, no tratado popular, a qual as vozes se unem para fortificar um folguedo, permitir interpretações e alcançar a meta de voz e conservação da importância do cotidiano Amazônico, que não esquece as bem venturas do espetáculo.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes. 2003.

_____ (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CATALÃO JR, A. H. **Jornalismo *Best-seller*: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. São Paulo.

DUTRA, Manuel S. **A Natureza da TV: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta**. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA), 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo, Marco Zero. 1994.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas - boi-bumbá, ciranda e sairé**. Editora Valer, Manaus, 2008.

¹Trabalho apresentado no DT 8/IJ8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de jornalismo da UFAM, email: suzanmonteverde@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAM, Dr. em Linguística e Língua portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br